

As funções e as formas urbanas nas cidades médias e sua relação com a temporalidade, o caso de Mogi-Guaçu – SP¹

Ulysses Melo CARVALHO²

• Introdução

As cidades desempenham ao longo do tempo uma importância indiscutível como “elemento fundamental da organização do espaço” (BEAUJEU-GARNIER, 1995, p. 07), embora apenas no século XXI há o predomínio da população nesta estrutura. Afinal, é nela que a maioria da sociedade habita atualmente e conseqüentemente a constrói e reconstrói, num processo contínuo de adequação à sua lógica econômica, social e política.

Diante desta relevância o estudo das cidades também adquire sua importância e a ciência geográfica se destaca nesta compreensão, pois observa a *urbe* não apenas como objeto, mas um sujeito que se destaca no atual período no qual que vivemos, ou seja, um período marcado pelo êxodo rural e o crescente aumento populacional urbano, evidenciado inclusive pelo inchaço das cidades e aumento de problemas como violência, a falta de acesso às estruturas básicas, dentre outros.

As funções e as formas, sendo elas consideradas como estruturas e formas básicas, são um grande arcabouço na compreensão das cidades, pois são representantes da história do lugar e de sua evolução. Compreendendo a história é possível estabelecer quais foram as políticas aplicadas, com suas conseqüências positivas e negativas. Porém, para obter este resultado é necessário vincular diversos aspectos: “[...] trabalhar geografia histórica, vinculando o espaço e o tempo às condições econômicas, políticas, sociais e territoriais”. (UEDA, 2006, p. 141).

No estudo das cidades, surgem as redes e a hierarquia urbana em uma complexidade do estudo urbano. Assim, este trabalho teve o foco cidades médias, porém não dentro do conceito de detentoras de uma população de 100 a 500 mil habitantes, mas como intermediárias na hierarquia urbana, com aspectos das grandes cidades e metrópoles e também das pequenas cidades. Sendo um elo transitório dos tempos diferentes das cidades.

Este trabalho se propôs a analisar o uso do espaço urbano do município brasileiro de Mogi-Guaçu, na porção leste do estado de São Paulo. Propondo observar as estruturas do município, desde sua formação e constituição até os dias atuais.

• O município de Mogi-Guaçu – SP

Mogi-Guaçu está localizado na Depressão Periférica Paulista, com um patamar médio de altitude de 500 a 700 metros. De acordo com Mapa Geomorfológico do Estado de São Paulo, as terras do município estão em terrenos permo-carboníferos, que dão origem ao tilito e ao argilito. A planura é um traço predominante na topografia da área. Os solos apresentam um teor elevado de argila, podendo se compreender a instalação de indústrias cerâmicas na região.

A área onde está localizado o município de Mogi-Guaçu é cortada por um rio de mesmo nome, que nasce no estado limítrofe de Minas Gerais, e que teve imprescindível destaque na formação da cidade. Há resquícios da presença de povos indígenas ao longo do

¹ Este artigo é parte da monografia apresentada no final do curso de geografia em 2008 com o título: As funções e as formas urbanas e a sua relação com a temporalidade, o caso Mogi-Guaçu – SP, sob orientação da Professora Doutora Juleusa Maria Theodoro Turra. juleusa@puc-campinas.edu.br

² Aluno formado em Geografia na Pontifícia Universidade Católica de Campinas em 2008. ulyssesgeo@gmail.com

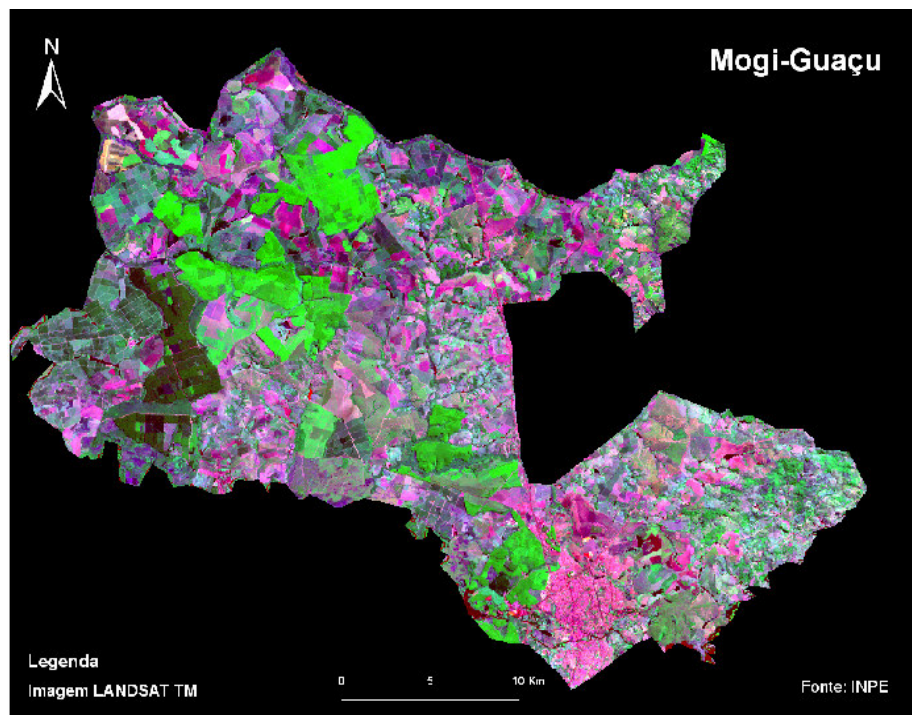
rio e inclusive sítios arqueológicos que denotam civilizações primitivas. Esta população foi se escasseando ao longo do tempo com o processo de colonização do Brasil, principalmente com as “Entradas” e “Bandeiras” (processo de interiorização e ocupação da colônia em busca de pedras preciosas e mão-de-obra).

O município obteve vantagem com as Bandeiras nas primeiras décadas do século XVIII, afinal como era passagem dos bandeirantes, foi se formando um pequeno vilarejo para dar repouso aos desbravadores portugueses.

Posteriormente, com o advento do café no Brasil e sua grande expansão no estado de São Paulo, há grande necessidade de uma melhoria no transporte para escoar melhor a produção; vão se instalando, assim os ramais ferroviários cortando a maioria do estado e ligando-o até o porto de Santos. No final do século XVIII e início do século XIX, é construída uma ponte ligando as duas margens e a então Freguesia de Nossa Senhora da Conceição do Campo torna-se a Vila de Mogi-Guaçu.

Com o fim da escravidão e a vinda de imigrantes europeus para o Brasil, a vila torna-se um atrativo para a fixação destes povos que iniciam as primeiras cerâmicas beneficiados pelo potencial do município, e pela grande necessidade de produtos, afinal, com a construção de novas estações ferroviárias, há a necessidade de materiais cerâmicos como telhas.

Estas primeiras atividades econômicas ajudaram a fortalecer e expandir o município, enquanto locus de investimentos desde a agricultura e por conseguinte a indústria; assim, em meados da década de 1950, começam a fixar-se grandes empresas em seu território, destacando-se a International Paper (indústria de papel e celulose) e a Corns do Brasil (indústria de processamento de milho para a obtenção do amido de milho que atualmente foi comprada pela Bunge). E ao longo da segunda metade do século XX, instalaram-se a Unilever (Maisena) e a Mahle (indústria automotiva). Outro setor econômico que se destaca é agricultura, principalmente o cultivo da laranja e da cana-de-açúcar, além da silvicultura com o cultivo de eucalipto. Observar as áreas de cultivo na Imagem de satélite (figura 1).



**Figura 1- Imagem de satélite do município de Mogi-Guaçu – SP
Fonte: INPE (Instituto Nacional de Pesquisas Espaciais) – 2008**

Mogi-Guaçu localiza-se a 166 km da cidade de São Paulo e está próximo do principal eixo econômico do estado, ou seja, Campinas, Sorocaba e Ribeirão Preto. E pode ser considerado um município diferenciado, afinal, sua expansão se deu praticamente toda horizontalizada, amparada pela planura da região.

Sua população é de 131.870 habitantes, de acordo com o IBGE (Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística) numa área de 813 km². De acordo com o mesmo instituto, ele apresenta um crescimento geométrico elevado de 2% ao ano entre 2000 e 2008.

- **Cidades médias**

O conceito clássico de cidades médias que determinava a esta dimensão de *urbe* uma população entre 100 e 500 mil habitantes, atualmente se transformou em um conceito mais complexo e abrangente, que exige uma observação mais detalhada da cidade para inseri-la em tal posição da hierarquia urbana. É necessário analisar o papel desempenhado dentro do contexto regional e seu papel dentro das redes nacionais e internacionais, sendo elas, por exemplo, os fluxos materiais e virtuais.

O que se denomina como ‘cidades de porte médio’ são aquelas que têm entre 50 mil e 500 mil habitantes. Entretanto, nem todas as ‘cidades de porte médio’ são, de fato, cidades médias, pois para serem assim conceituadas há que se verificar mais elementos que os indicadores demográficos e se analisar a magnitude e diversidade dos papéis desempenhados por uma cidade no conjunto da rede urbana. Assim, atribui-se a denominação “cidades médias” àquelas que desempenham papéis regionais ou de intermediação no âmbito de uma rede urbana, considerando-se, no período atual, as relações internacionais e nacionais que têm influência na conformação de um sistema urbano. (SPÓSITO, Eliseu, 2006, p. 175)

Nesta conjuntura, tem-se a necessidade de compreensão das dinâmicas de produção e reprodução do espaço urbano de modo geral entre as hierarquias urbanas e também se há especificidades nessas cidades, diante deste novo olhar que as cidades médias adquiriram.

Hoje as metrópoles ainda concentram as principais atividades econômicas e também os nós das redes urbanas, porém as cidades médias estão adquirindo uma importância significativa, podendo ser representado inclusive pelo seu aumento de população nos últimos tempos. Egler (2001) afirma:

[...] o processo de concentração populacional nos grandes centros urbanos é mais relevante que o fenômeno de difusão espacial da urbanização. Mas, ao mesmo tempo, a relação entre crescimento populacional/crescimento do número de cidades é bem mais importante para as *cidades intermediárias*, o que demonstra o dinamismo desta categoria de centros urbanos. (p. 11)

Estas mudanças que vem ocorrendo no papel das diferentes categorias de cidades foram observadas inclusive por Milton Santos (1993):

As cidades intermediárias apresentam, assim, dimensões bem maiores. Essas cidades médias são, crescentemente, *lôcus* do trabalho intelectual, como o lugar onde se obtém informações necessárias à atividade econômica. Serão, por conseguinte, cidades que reclamam cada vez mais trabalho qualificado, enquanto as maiores cidades, as metrópoles, por sua própria composição orgânica do espaço, poderão continuar a acolher populações pobres e desprezadas. (p. 123)

Nesta perspectiva apresentada por Santos e também nas observações feitas no atual período das cidades, é notório esta transformação, ou seja, as metrópoles cada vez mais

“inchadas” com o aumento da população e com o acréscimo de problemas estruturais e as cidades médias atraindo apenas investimentos pertinentes no seu planejamento e sofrendo também um aumento populacional, sendo este especializado e disposto a investir na sua qualidade de vida. Neste contexto, Santos (1993) afirma:

Por conseguinte, os próximos anos, quem sabe até os próximos decênios, marcarão ainda um fluxo crescente de pobres para as grandes cidades, ao passo que as cidades médias serão o lugar dos fluxos crescentes das classes médias. Em resumo, a metropolização se dará como ‘involução’, enquanto a qualidade de vida melhorará nas cidades médias. (p. 123)

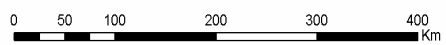
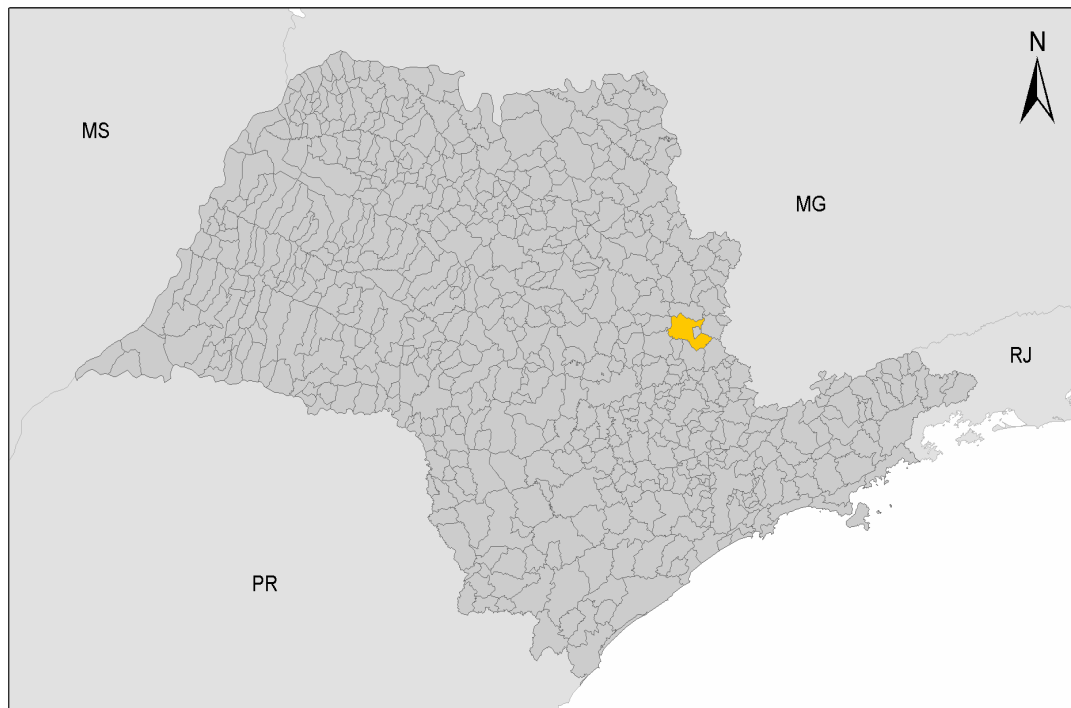
Diante dos estudos de urbanistas, geógrafos e de outros cientistas que tem as cidades como foco, destacando-se o grupo de estudos GASPERR (Produção do Espaço e Redefinições Regionais) e RECIME (Rede de Pesquisadores sobre Cidades Médias), é notória a relevância que as cidades médias adquiriram, podendo inclusive ser consideradas espaços luminosos, espaços adaptados às exigências das ações características da globalização (SANTOS, 2006). Isto acaba diferindo muito do velho conceito que as determinavam, afinal estas cidades eram classificadas apenas pelo seu número de habitantes, deixando de lado a característica fundamental delas, ou seja, a característica única de transitarem entre as cidades pequenas e grandes e de possuírem atributos destas urbes. A cidade média consegue relacionar e atribuir dois tempos diferentes em sua própria estrutura, o tempo lento e o tempo rápido. Sendo o tempo lento encontrado nas instituições e homens hegemônicos e o tempo rápido, nas firmas e indivíduos (SANTOS, 2006). Ou seja, o tempo é visto na ótica da materialidade, principalmente o acesso e fluidez.

- **Estudo de caso sobre Mogi-Guaçu – SP**

A função urbana nada mais é que o significado da forma num dado momento, ou seja, o que ela representa. Afinal este sentido é mutável ao longo do tempo, diante das mudanças que ocorrem em cada local. Assim, no decorrer da temporalidade diante das mudanças econômicas, sociais e políticas, conseqüentemente a função de cada local pode se modificar e inclusive sua forma.

Observando o município de Mogi-Guaçu desde sua formação até os dias atuais, nota-se que houve um grande desenvolvimento e, sobretudo, uma mudança no município ao longo de todo este tempo. Isso ocorre devido às diferentes políticas econômicas introduzidas neste período, porém como já foi dito, mesmo sendo políticas econômicas únicas, cada local se adéqua e reage de uma forma diferente.

Observando a cidade de Mogi-Guaçu, principalmente a partir da segunda metade do século XX, influenciado pelo Plano de Metas do presidente da república Juscelino Kubitschek, é visível o grande salto econômico que ela apresentou. Até então, ela era marcada por um certo “controle” (caracterizado pela renda do município e por possuir uma estrutura urbana mais avançada, ou seja, desde saúde até o entretenimento) da cidade vizinha, Mogi-Mirim, que possui um porte populacional e de área menor, mas uma economia forte. (Observar Figura 2 e 3)



Legenda



-  Mogi-Guaçu
-  Demais municípios de SP

Figura 2 – O município de Mogi-Guaçu no estado de São Paulo
Fonte: IBGE – 2008

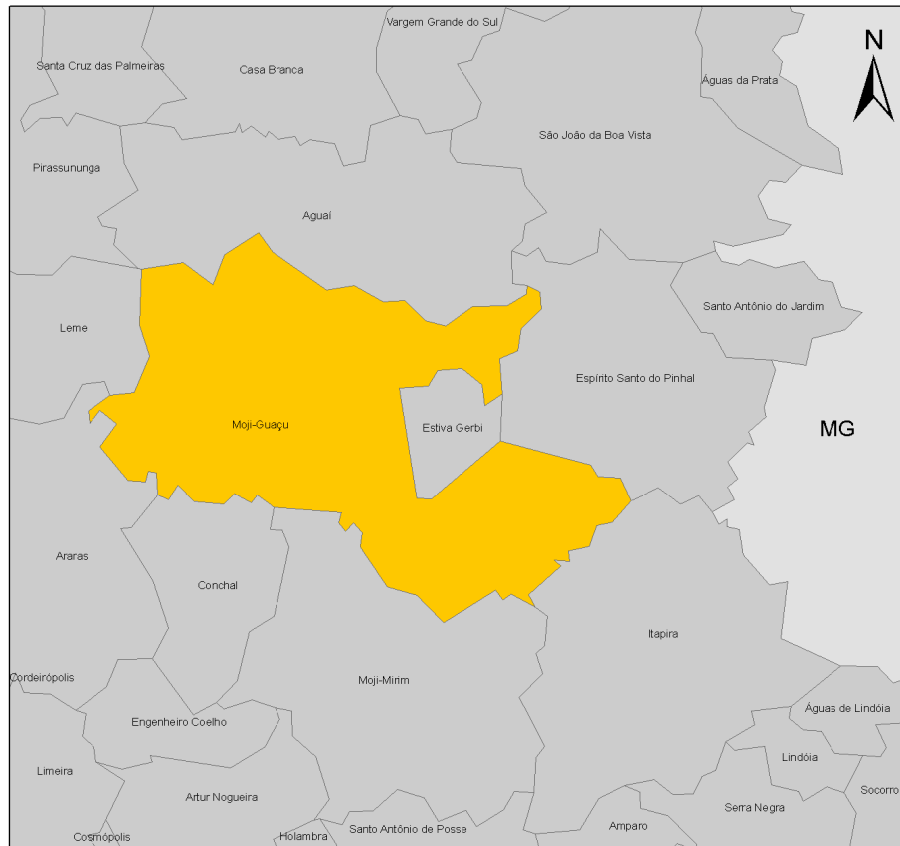


Figura 3 – O município de Mogi-Guaçu e seus limites

Fonte: IBGE - 2008

Esta influência tem diminuído graças aos grandes investimentos e o novo rearranjo territorial que vem ocorrendo, ou seja, alargamento de ruas e avenidas, chegada de várias indústrias e grandes franquias como o Wal-Mart, Mcdonalds, além da construção de um shopping Center e outros. O aumento da renda do munícipe gerou várias mudanças como a elevação do consumo e do IDH-M (Índice de Desenvolvimento Humano Municipal) e de outros indicadores, que são produzidos pelo IBGE (Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística) órgão do Governo Federal e pela Fundação SEADE, órgão do estado de São Paulo.

Diante da análise de indicadores que demonstrem as condições adequadas de uma qualidade de vida nas cidades médias do estado de São Paulo, nota-se que dentre as 22 cidades com população entre 100 mil e 500 mil habitantes não pertencentes a regiões metropolitanas, poucas fogem de estarem bem qualificadas num mínimo de dois indicadores. Os indicadores analisados são o IDH-M, IPRS (Índice paulista de responsabilidade social) e IPVS (Índice paulista de vulnerabilidade social) e estes apresentam dados referentes à renda do município, educação e longevidade da população, além de quesitos mínimos para uma boa qualidade de vida e o risco de vulnerabilidade de cada cidade.

Assim, é notório que nenhum município apresenta em todos os indicadores bons resultados; o contrário também é válido, ou seja, não apresentam maus resultados em todos os indicadores. Se observarmos apenas o IDH-M, concluímos que todos os municípios paulistas

tiveram um bom desempenho, afinal apresentaram índices altos pelos padrões internacionais. (Observar figura 4, 5 e 6)

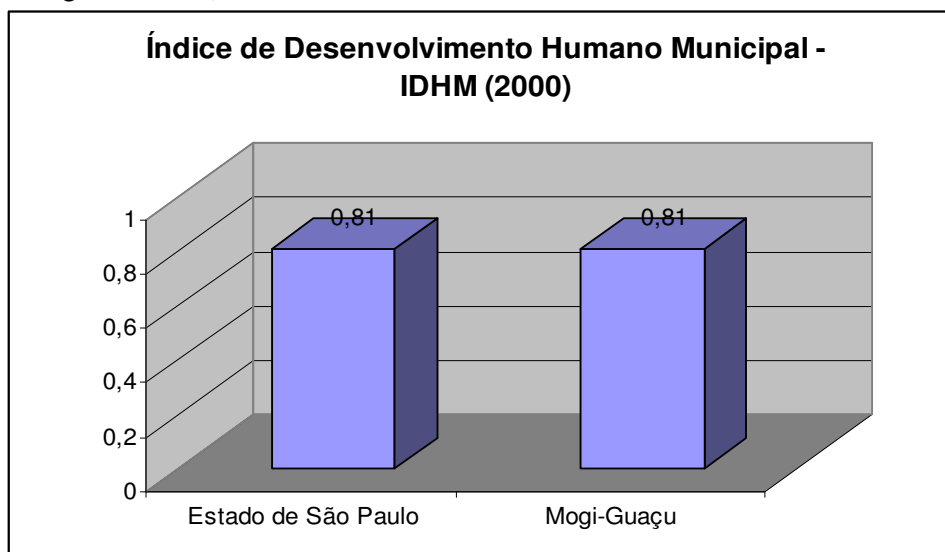


Figura 4 – Índice de desenvolvimento humano municipal (2000)
Fonte: Fundação SEADE - 2008

RANQUING DOS MUNICÍPIOS PAULISTAS EM RELAÇÃO AO IPRS 2006			
CIDADES	RIQUEZA	LONGEVIDADE	ESCOLARIDADE
Araçatuba	106	255	94
Araraquara	102	136	114
Bauru	90	177	179
Botucatu	112	117	337
Bragança Paulista	64	488	301
Franca	211	380	552
Itapetininga	231	521	490
Itu	22	189	494
Jacareí	61	346	196
Jaú	139	162	171
Jundiaí	29	241	41
Limeira	82	138	351
Marília	188	218	95
Mogi Guaçu	92	352	189
Pindamonhangaba	79	445	501
Piracicaba	47	353	429
Presidente Prudente	95	285	10
Rio Claro	81	278	203
São Carlos	100	85	345
São José do Rio Preto	73	158	84
Taubaté	56	324	133
Fonte: Fundação SEADE - 2006			

Figura 5 – Ranquing dos municípios paulistas em relação ao IPRS (2006)
Fonte: Fundação SEADE – 2008

CIDADES ENTRE 50 E 100 MIL HABITANTES DO ESTADO DE SÃO PAULO		
CIDADES	POPULAÇÃO	IDH
Araçatuba	178.839	0,848
Araraquara	195.815	0,83
Bauru	347.601	0,825
Botucatu	120.800	0,822
Bragança Paulista	136.286	0,82
Franca	319.094	0,82
Itapetininga	138.450	0,786
Itu	147.157	0,815
Jacareí	207.028	0,809
Jaú	125.469	0,819
Jundiaí	342.983	0,857
Limeira	272.734	0,814
Marília	218.113	0,821
Mogi Guaçu	131.870	0,813
Pindamonhangaba	135.682	0,815
Piracicaba	358.108	0,836
Presidente Prudente	202.789	0,846
Rio Claro	185.421	0,825
São Carlos	212.956	0,841
São José do Rio Preto	402.770	0,834
Taubaté	265.514	0,837
Fonte: Atlas do Desenvolvimento Humano no Brasil		
SEADE - 2000		

Figura 6 – Cidades de porte médio do estado de São Paulo e seu IDH
Fonte: Fundação SEADE - 2008

Assim, é possível compreender que Mogi-Guaçu possui uma relevância econômica no estado de São Paulo, e também estes gráficos vêm comprovar mais uma vez a dinamização de sua economia e o papel que desempenha como município intermediário.

- **Considerações Finais**

Como já dizia Milton Santos em seu livro “Espaço e Método” de 1997, o espaço e todos os seus elementos se transformam diante do tempo, e se moldam de acordo com cada realidade da sociedade, ou seja, o espaço é qualificado diferentemente pelos atores sociais, porém ele também interfere nesta caracterização. É um processo de adaptação e moldagem dos mesmos.

A pesquisa trouxe à discussão a hierarquia urbana e numa dimensão principal, a porção intermediária desta hierarquia, a cidade média. Porém, é necessário compreender toda

esta rede por seus principais aspectos; a grande cidade ou metrópole tem de ser observada como o *locus* da inovação e da produção, onde a velocidade dos fluxos é intensa, é o exemplo mais claro do período técnico científico e informacional, ou onde a globalização se aplica da maneira mais homogênea sobre o espaço. Contraopondo a estes locais, existe a pequena cidade, onde a velocidade dos fluxos é lenta, a globalização se aplica de maneira pontual. Finalmente as cidades médias são o elo entre estes dois lugares de características antagônicas. É o *locus* que apresenta tanto o tempo lento, quanto o tempo rápido. É a intermediação dos pontos distintos e opostos da hierarquia urbana.

Mogi-Guaçu como foi observado, vem apresentando um processo de evolução de suas características urbanas, ou seja, elevação dos índices sociais, crescimento territorial basicamente ordenado, serviços urbanos básicos (coleta de lixo, água tratada, luz elétrica, esgoto e pavimentação de ruas) atingindo todas as regiões da cidade, inclusive as áreas mais carentes. Possui ainda uma grande porcentagem de tratamento de esgoto, o que é algo relevante para uma cidade que é cortada por um rio. Além destas características, vem atraindo investimentos por parte de indústrias, afinal possui distritos industriais capazes de atender a demanda.

Contudo, pode-se concluir a partir dos dados aqui apresentados e de vários outros consultados que o município de Mogi-Guaçu apresenta características suficientes para pertencer ao complexo conceito de cidade média, ou seja, tem um papel intermediador na dinâmica regional paulista.

• Referências Bibliográficas

BEAUJEU-GARNIER, Jacqueline. **Geografia Urbana**. 2. Edição. Lisboa, Fundação Calouste Gulbenkian, 1995.

EGLER, Cláudio Antonio Gonçalves. **Subsídios à caracterização e tendências da rede urbana do Brasil. Configuração e dinâmica da rede urbana**. Disponível em <http://www.laget.igeo.ufrj.br/egler/pdf/Redeur.pdf> - Acesso em 12 de janeiro de 2008.

SANTOS, MILTON. **A urbanização brasileira**. São Paulo: HUCITEC, 1993.

_____. **A natureza do Espaço: técnica e tempo, razão e emoção**. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo. 4. Edição. 2006.

SPÓSITO, Eliseu Savério; SPOSITO, Maria Encarnação; SOBARZO, Oscar.(Orgs). **Cidades médias: produção do espaço**. São Paulo: Expressão popular, 2006.

UEDA, Vanda. **A construção, a destruição e a reconstrução do espaço urbano na cidade de Porto Alegre do início do século XX**. GEOUSP Espaço e Tempo. São Paulo, n. 19, p. 141-150, 2006.

• Sites Acessados

Fundação SEADE – <http://www.seade.gov.br> – Acesso 12/08/2008

IBGE – <http://www.ibge.gov.br> – Acesso 20/07/2008